

Projeto ameaça os senadores sem voto

Senado vota em abril proposta que acaba com carreiras de suplentes escolhidos sem o aval do eleitor

Lydia Medeiros

• BRASÍLIA. Dois dos mais destacados integrantes da tropa de choque do ex-presidente Fernando Collor, os ex-senadores Ney Maranhão (PE) e Áureo Mello (AM), chegaram ao Senado, na última legislatura, sem precisar de um voto sequer. Ambos eram suplentes e assumiram suas vagas com a morte dos titulares. No Senado, foram figuras quase folclóricas e fizeram barulho ao defender Collor no processo de impeachment. Maranhão chegou a líder do hoje quase extinto PRN, sempre de terno branco e arma na cintura. Áureo passou o tempo entre discursos elogiosos a Collor e a edição de suas poesias, impressas sem parcimônia na gráfica do Senado e distribuídas como brinde em seu gabinete. Tudo isso sem o aval do eleitor.

Projeto prevê confirmação de suplente pelas urnas

Passada a Semana Santa, a comissão especial que trata da reforma política votará um projeto que promete acabar com as carreiras dos senadores sem voto. O projeto, do senador Sérgio Machado (PSDB-CE), não estabelece eleição direta para o suplente de senador, mas prevê que o substituto ocupe a vaga apenas temporariamente, até a primeira eleição subsequente, quando deverá ter seu mandato confirmado pelas urnas.

O Senado tem hoje apenas um suplente em exercício: a senado-



A SENADORA REGINA Assumpção, do PTB de Minas: hoje a única suplente em exercício, na vaga de Arlindo Porto

ra Regina Assumpção (PTB-MG), que ocupa a vaga do senador Arlindo Porto, atual ministro da Agricultura. Mas outros oito já conseguiram ser efetivados no mandato: Gilberto Miranda (PFL-AM), Ney Suassuna (PMDB-PB), Joel de Hollanda (PFL-PE), Abdias Nascimento (PDT-RJ), Bello Parga (PFL-MA), Fernando Bezerra

(PMDB-RN), João França (PMDB-RR) e José Alves (PFL-TO).

Vale tudo nos critérios dos candidatos a senador para a escolha de seus suplentes. O dos laços familiares é um dos mais usados. O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), indicou o filho Antônio Carlos Magalhães Júnior. O líder do PMDB, Já-

der Barbalho (PA), preferiu o pai, Laércio Wilson Barbalho. Iris Rezende (PMDB-GO), escolheu o irmão, Otoniel Machado Carneiro. O senador Humberto Lucena (PMDB-PB) listou como seu segundo suplente Renato Cunha Lima, irmão do colega de partido e de Senado Ronaldo Cunha Lima.

Francisco Escórcio está há 34

anos em Brasília, mas é segundo suplente de senador pelo Maranhão. Até o mês passado, ele estava na vaga do senador Belo Parga (PFL-MA), que foi pressionado a tirar uma licença para dar a vez a Escórcio, que ficou no Senado por quatro meses. Parga é o primeiro suplente do senador Alexandre Costa, que está gravemente doente. Escórcio quis deixar sua marca. Fez dezenas de discursos, imprimindo todos pela gráfica do Senado, e apresentou 12 projetos de lei. Chegou ao Senado, que freqüentava como dono de uma firma de construção e acabamentos, pelas mãos de Alexandre Costa, que conheceu em 76. O senador gostou dele, o fez seu assessor, braço direito nas campanhas e, em seguida, seu secretário particular no Ministério da Integração Regional.

— Ele viu meu jeito, disse que eu ia ajudá-lo e não me largou mais — gaba-se Escórcio.

Proposta de eleição tem opositores no Senado

Contra o projeto, o líder do PFL, senador Hugo Napoleão (PI), argumenta que a eleição para o Senado seria tumultuada com um número maior de candidatos. Ele lembra que nem todos os suplentes são inexpressivos, citando Fernando Henrique Cardoso, que iniciou a vida parlamentar como suplente do senador Franco Montoro, em 82. Mas, na época, a legislação eleitoral era outra: Fernando Henrique teve que receber votos para ser suplente. ■

Ailton de Freitas